



SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do mundo: O Amor, A Morte, A Arte, A Moral, A Religião, A Política, O Homem e a sociedade.** Tradução: José Souza De Oliveira. 1^a ed. São Paulo: Edipro, 2014. 135 p.

José Márcio da Silva^p

Arthur Schopenhauer (Danzig, 22 de fevereiro de 1788 — Frankfurt, 04 de setembro de 1860) foi um filósofo e professor universitário do século XIX. Sob a alcunha de pessimista, escreveu diversas obras, uma das quais é objeto da presente resenha. A referida obra foi estruturada em oito tópicos: O Amor, A Morte, A Arte, A Moral, A Religião, A Política, O Homem e a sociedade.

I. Dores do mundo: Analisando de forma geral as dores do mundo, o autor infere que não são meros acidentes, mas a finalidade da existência. Para ele, a desgraça geral é a regra e a particular uma exceção. O bem estar e a felicidade, por sua vez, são negativos, porém só a dor é positiva, já que se faz sentir. O autor questiona, ainda, se o gerar uma vida é um ato de pura reflexão e razão, se a espécie humana teria subsistido. A demonstração de Leibniz “o melhor dos mundos possíveis” é enfraquecida frente a seguinte leitura: “O criador não só criou o mundo, mas também a própria possibilidade, portanto devia ter tornado possível um mundo melhor”. Para ele o mundo é uma colônia penitenciária.

II. O amor: Diferente dos poetas e romancistas, Schopenhauer analisa o amor a partir do que chama: “metafísica do amor”. Entende que o fim definitivo de todo empreendimento amoroso é a combinação da próxima geração. O instinto do amor subjetivo é a aspiração em viver num novo, ente distinto e determinado, mas este instinto de amor se torna objetivo devido aos estratagemas da natureza. Um casal quando troca olhares cheios de desejo o que na verdade aspiram é uma fusão em um único ser, um prolongamento de suas existências. A procura apaixonada da beleza, o apreço que se lhe dá, a escolha a que se procede, não diz, pois, respeito ao interesse

^p Graduando em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: jmsilva68jf@gmail.com



pessoal daquele que escolhe, embora assim o imagine, mas evidentemente ao interesse do futuro ente. Portanto, quando os enamorados falam da harmonia das suas almas, deve-se compreender a maior parte das vezes a harmonia das qualidades físicas próprias de cada sexo. O homem é atraído pelos traços bonitos do rosto da mulher, já esta por sua vez não se preocupa com a beleza do rosto do homem, mas sim com o seu vigor físico, capaz de gerar crianças robustas e assegurar-lhe no futuro um protetor corajoso. Esta harmonia tem haver com o que se busca para o prolongamento de sua vida; não é a inteligência que o sabe. É o instinto.

III. A morte: Gênio inspirador, a musa da Filosofia... Sem ela ter-se-ia dificilmente filosofado. A partir de uma analogia com o mundo dos insetos, o autor entende que ao homem não bastaria, simplesmente, conduzi-lo a um estado melhor, colocá-lo num mundo também melhor; seria necessário transformá-lo inteiramente, proceder de modo que deixasse de ser o que é e se tornasse no que não é. Essa condição preliminar é a morte que a realiza, e sob este ponto de vista concebe-se a sua necessidade moral. Ela é a solução dolorosa do laço formado pela geração com voluptuosidade, é a destruição violenta do erro fundamental do nosso ser; o grande desengano.

IV. A arte: Fazendo jus à sua leitura pessimista da vida e do mundo, o autor afirma que a vida nunca é bela, mas só os quadros da vida são belos, quando o espelho da poesia os ilumina e os reflete e que a arte é uma redenção. A arte livra da vontade e, portanto da dor, encantando a vida. O autor deixa claro sua predileção pela música.

V. A moral: Esperar que nossos sistemas de moral e as condutas éticas possam tornar os homens virtuosos, nobres e santos, é tão insensato como imaginar que os tratados sobre estética possam produzir poetas, escultores, pintores e músicos. A questão da moral é analisada a partir de três aspectos: o egoísmo, a piedade e o ascetismo.

VI. A religião: Tem por mãe a morte e por preocupação a imortalidade, suas fábulas e lendas tornam-se as explicações suficientes da existência e os sustentáculos da moralidade humana. Neste tópico o autor faz algumas considerações sobre algumas religiões e suas influências na dolorosa existência humana.

VII. A política: A organização da sociedade humana oscila como um pêndulo entre dois extremos, dois polos, dois males opostos: o despotismo e a anarquia. A única solução do problema político e social seria o despotismo dos sábios e dos nobres, de uma aristocracia pura e verdadeira, obtida por meio da geração, pela união dos homens de sentimentos altamente generosos com as mulheres mais inteligentes e finas.

VIII. O homem e a sociedade: O nosso mundo civilizado não passa de uma grande máscara. Cavaleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, filósofos, todos afivelam suas máscaras e atuam como especuladores. Delicadeza, amizade, vaidade e orgulho perpassam as relações.

Recomenda-se a leitura desta obra a todos e principalmente aos que buscam entender a conduta humana, uma vez que possibilita reflexões e provocações. Destacam-se as considerações do autor sobre a metafísica do amor, já que no seu tempo esse pensamento não se encaixava em nenhum grande sistema.